



ID: 31193251

26-07-2010

PRESIDENTE DO HEALTH CLUSTER PORTUGAL

“O objectivo tem de ser ombrearmos com os melhores do mundo”

Luís Portela diz que o crescimento do sector tem de passar pela exportação



Pedro Elias

Produtos inovadores | O presidente da Health Cluster acredita que as empresas “start up” têm um papel fundamental na internacionalização.

JOÃO ANDRADE COSTA

jcosta@negocios.pt

O Health Cluster Portugal pretende aumentar, nos próximos anos, a facturação do sector para os cinco mil milhões de euros, apostando no mercado externo. Em entrevista ao **Negócios** o presidente do Health Cluster, Luís Portela, afirmou que Portugal tem “know how” para ombrear com os melhores a nível internacional, mas que para isso é necessário mais parcerias entre empresas e instituições.

O Health Cluster português foi constituído há dois anos. O que tem sido feito?

O Health Cluster primeiro começou por colocar em contacto as mais diversas entidades. As pessoas não tinham por tradição encontrarem-se. As instituições de investigação normalmente não sabiam o que outras instituições estavam a fazer e entre as empresas o mesmo. Entre empresas e instituições de investigação havia então um grande desconhecimento. O que nós fizemos foi incentivar os associados a fazerem projectos em conjunto. Actualmente temos dois projectos em marcha, que estão a ser desenvolvidos por um conjunto de associados.

Há algum subsector da saúde em que estejam mais apostados?

O Health Cluster não está focado num subsector da saúde está focado em todas as áreas. Nos projectos em marcha estão envolvidas instituições de investigação, hospitais, empresas de informática, não há áreas privilegiadas.

Uma das apostas poderá passar pela saúde associada ao turismo?

É uma ideia pensada, mas não temos nenhum projecto nesse sentido.

Pode dizer-se que Portugal ainda está na periferia da vanguarda da Saúde?

Não, hoje em dia a ciência que se faz, faz-se a nível internacional. Hoje em dia cada vez mais a economia funciona em termos europeus. A questão essencial na saúde é conseguir fazer a ponte entre quem investiga e quem comercializa. É conseguir levar ao mercado serviços inovadores, o conhecimento acumulado. Nós assumimos isto como a grande questão da área da Saúde em Portugal.

Em termos económicos que contribuição poderá ter o Health Cluster?

Esperamos passar de uma facturação actual de 1.8 mil milhões para os 5 mil milhões de euros. Esta passagem terá de ser sobretudo suportada pela exportação [a facturação com o mercado externo é de 400 milhões]. Temos de criar novos pro-

ductos, novos serviços que sejam competitivos à escala global. Hoje temos “know how” que muitos países na América Latina ou na Ásia podem comprar. Contudo, o nosso objectivo tem de passar por ombrearmos com os melhores, ou seja não é só levar bons produtos e serviços a países do terceiro mundo, mas também sermos capazes de introduzirmos bons produtos no primeiro mundo.

Uma vez que é presidente de uma farmacêutica portuguesa, em que medida é que o Health Cluster poderá ajudar a Bial?

Pode trazer o ambiente apropriado para o sucesso. Ao longo dos últimos anos muitas vezes sentimos muito sozinhos. Nos nossos primeiros anos diziam que era impossível o que estávamos a fazer e parece-nos que, para um futuro melhor, é desejável que haja um ambiente em que outros se desenvolvam, um ambiente que permita intercâmbio de bons técnicos e bons investigadores entre as empresas e as universidades. Por outro lado, a Bial está disponível para apresentar “start ups” nacionais. Uma das formas das coisas correrem melhor é poder haver um produto de uma “start up” que seja apanhado por uma multinacional e que tenha muito sucesso. E aí toda a gente vai acreditar que é possível fazer a diferença.

Uma das formas das coisas correrem melhor é poder haver um produto de uma “start up” que seja apanhado por uma multinacional.

A questão essencial na saúde é conseguir fazer a ponte entre quem investiga e quem comercializa.

LUÍS PORTELA

Presidente do Health Cluster Portugal

Cinco fármacos inovadores em 10 anos

Uma das ambições do Health Cluster passa por introduzir cinco medicamentos inovadores e 50 novos meios de diagnóstico, no mercado mundial, nos próximos 10 anos.

Luís Portela, presidente do Health Cluster, considera que as empresas portuguesas têm potencial para atingir este objectivo, mas que para isso tem de se apostar mais na inovação e na transferência de conhecimento e tecnologia.

“Toda a gente conhece o Portugal do turismo e da cortiça, mas ninguém conhece o Portu-

Na Europa há 28 empresas capazes de dar ao mundo medicamentos novos e uma é portuguesa

LUÍS PORTELA

gal da saúde. Apesar de termos alguns casos de sucesso, ainda temos poucas empresas que apostem na inovação”, referiu Luís Portela ao **Negócios**, sublinhando que o País tem potencial e que isso é visível no número de doutorados. “Na área das ciências da saúde existem 2.500 doutorados, parece que não há nenhuma outra área com tantos doutorados em Portugal”.

Por outro lado, sustenta o também presidente da farmacêutica Bial, as empresas portuguesas já demonstraram que podem competir no mercado internacional com outras companhias. “Na Europa há 28 empresas capazes de dar ao mundo medicamentos novos e uma é portuguesa”, diz o mesmo responsável, explicando que as companhias “start ups” tem um papel muito importante no desenvolvimento de novos fármacos.

Projectos em andamento

Neste momento, o Health Cluster Portugal já tem dois projectos a serem desenvolvidos em parceria e com um valor de investimento de 30 milhões de euros: o DoIT (Desenvolvimento e Operacionalização da Investigação de Translação) que envolve 21 associados, e o AALALL, que pretende desenvolver um padrão de cuidados primários, envolvendo 35 parceiros.



ID: 31193251

26-07-2010

Luís Portela

“Objectivo é ombrear
com os melhores
do mundo” **Empresas 12**

Presidente do
Health Cluster
diz que Portugal
poderá colocar
cinco fármacos
inovadores no
mercado até
2020.

